

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE DIREITO

BIOGRAFIA
JOSÉ CARLOS NOVAES DA MATA MACHADO



Belo Horizonte
15 de junho de 2026

A VOZ QUE A DITADURA NÃO CALOU: O LEGADO DE MATA MACHADO PARA A UFMG DE HOJE

Dentre as inúmeras gerações formadas por esta Faculdade de Direito, destaca-se a trajetória de um jovem que, nos anos ferrenhos da Ditadura Militar, atuou como verdadeiro bastião na luta contra o autoritarismo. José Carlos Novaes da Mata Machado - carinhosamente apelidado por seus amigos de “Zé” - foi, como nós, um estudante da UFMG. Contudo, sua participação transcende os limites desta Universidade: ao longo de sua vivência acadêmica, Mata Machado eternizou-se, ao assumir o protagonismo na União Nacional dos Estudantes (UNE) e na Ação Popular (AP), como um símbolo indelével da geração que se opôs, cheia de bravura, à tirania reinante na política nacional. Revisitar a vida de Zé, quase 53 anos após sua morte nos sombrios porões do regime, torna-se um resgate histórico fundamental para uma universidade que, hoje, usufrui de uma redemocratização pela qual ele sacrificou a própria vida.

A trajetória de José deriva de um profundo senso de responsabilidade que lhe foi inculcado ainda na infância. Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1946 e radicado em Belo Horizonte, ele cresceu em uma atmosfera imbuída de erudição e marcada pelo debate jurídico: seu pai, Edgar da Mata Machado, foi uma das vozes mais contundentes na defesa do Estado Democrático de Direito desde meados da década de 1930, quando o Estado Novo varguista já assentava, aos poucos, suas bases de poder. Apesar disso, as condições privilegiadas de Zé não lhe cegaram os olhos às injustiças da política brasileira. Ao contrário, foi justamente essa herança humanista, legada de seu pai, que lhe abriu os olhos para questionar, de maneira crítica, as mazelas, as rachaduras e as desigualdades que grassavam na sociedade da época. A participação de Mata Machado na luta pela redemocratização de uma nação partiu, portanto, de uma ruptura consciente, a partir da qual foi trocada a comodidade de uma carreira jurídica tradicional por uma militância de vanguarda, voltada ao resguardo da justiça social e à ampliação da luta popular por direitos.

O engajamento político definitivo de José teve início precisamente com a chegada dos anos de chumbo, em que a truculência de um regime cada vez mais ávido pelas rédeas do poder contrastava com a efervescência cultural de uma sociedade em vias de liberalização. Na posição de estudante desta vetusta Faculdade de Direito, ele não se conformava com o academicismo distante da realidade da população: em sua visão, a lei deveria ser interpretada não apenas no âmbito teórico, mas fundamentalmente no prático, transformando-se em um instrumento teleológico de compreensão das desigualdades e na defesa daqueles indivíduos marginalizados, seja social, seja politicamente. É natural pensar, assim, que a inquietação de Mata Machado com os traços crescentemente autoritários e

repressivos da Ditadura Militar (que em 1968 atingiu seu apogeu tirânico, com a decretação do AI-5), tenham-no conduzido a uma posição de líder estudantil. Somam-se a esse impulso sua capacidade de argumentação e seu carisma, que não tardaram a transpor os limites da UFMG: em 1967, o jovem foi eleito presidente do Centro Acadêmico Afonso Pena, entidade máxima de representação dos estudantes desta Faculdade de Direito; ainda no mesmo ano, foi nomeado presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), principal organização representativa do corpo discente universitário no território nacional¹. Como porta-voz dos estudantes, Mata Machado atuou, de forma firme, na condenação às arbitrariedades perpetradas pelos militares, sobretudo à perseguição ilegítima de opositores políticos do regime.

Com o recrudescimento da repressão, entretanto, impôs-se um dilema à geração dos movimentos estudantis: com a censura da mídia e com o fechamento dos espaços democráticos de debate e discussão, era imperativa a criação de novas formas de resistência. Agora na mira do aparato repressivo estatal, foi nesse período, sobretudo após a entrada em vigor do AI-5, que José passou a se valer de codinomes (frequentemente apelidados, à época, de “nomes de guerra”), assumindo profissões e rotinas fictícias no Nordeste do país. Essa dupla identidade, que se tornou prática corrente entre os membros da Ação Popular, representava uma dura exigência de sobrevivência em um momento no qual carregar o próprio nome verdadeiro poderia traduzir-se, aos olhos dos líderes militares, em uma sentença de morte. É nesse ponto que a vida de José adquire contornos de renúncia extrema, tanto à segurança, quanto à própria identidade.

Apesar disso, nem tudo eram más notícias: foi durante os anos em que passou vivendo nas sombras nos recônditos nordestinos que ele conheceu o amor de sua vida, Maria Madalena Prata Soares, com quem se casou em 1970 e teve um filho em 1972. Pouco depois do nascimento do filho, José Carlos e Maria Madalena se mudaram para Fortaleza. Para preservar a criança dos riscos inerentes à militância política e da intensa perseguição promovida pelo regime militar, o casal decidiu confiá-la aos cuidados dos avós paternos.

Um ano mais tarde, em 1973, José Carlos recebeu a missão de reorganizar a Ação Popular na capital cearense. A falta de recursos e a crescente repressão, contudo, representaram uma verdadeira pedra no sapato à consecução da tarefa. Vivendo na clandestinidade e sob intensa vigilância, ele e a esposa chegaram a enfrentar sérias dificuldades materiais. Com a intensificação da perseguição às organizações de esquerda após o AI-5, e diante das intempéries trazidas pela pobreza, José Carlos decidiu, por fim, deixar Fortaleza. Seus deslocamentos, porém, já eram monitorados. Informações fornecidas ao Centro de Informações do

¹ MEMÓRIAS DA DITADURA. José Carlos Novaes da Mata Machado. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/jose-carlos-novaes-da-mata-machado/>. Acesso em: 15 jun. 2026.

Exército por Gilberto Prata Soares, ex-integrante da Ação Popular e seu cunhado, contribuíram para uma série de operações contra a organização estudantil.

Em 19 de outubro do mesmo ano, José Carlos acabou por ser, em uma operação conduzida pelo regime militar, capturado e preso em São Paulo, onde buscava auxílio jurídico para companheiros detidos. Levado às dependências do DOI-Codi, foi submetido a interrogatórios e posteriormente transferido para Recife. Sua esposa, Maria Madalena, e outros militantes da APML também foram presos nos dias seguintes. Sujeito a uma série de extenuantes interrogatórios e torturas, José Carlos morreu em 28 de outubro de 1973, aos 27 anos. Nesse dia, foi também assassinado seu companheiro de organização Gildo Macedo². Diversos presos que se encontravam nas dependências do DOI-Codi relataram, após o desenlace dos acontecimentos, as condições em que José Carlos passou, abatido, seus últimos dias: um ambiente lúgubre, precário e despojado de qualquer senso de respeito à dignidade da pessoa humana.

Para encobrir os crimes, os órgãos de repressão divulgaram uma versão oficial atribuindo as mortes a desavenças internas da própria Ação Popular, episódio que ficou conhecido como “Teatro de Caxangá”³. A narrativa, amplamente divulgada pela imprensa, buscava eximir os agentes do regime de responsabilidade e lançar suspeitas sobre os próprios militantes. Convencido, porém, da falsidade da versão oficial, o pai Edgar da Mata Machado mobilizou-se em busca incessante da verdade, levando o caso a organismos de defesa dos direitos humanos, à oposição parlamentar e à imprensa internacional. A repercussão do episódio levou o regime a autorizar o traslado do corpo para Belo Horizonte, embora sob severas restrições impostas pelos militares.

Sepultado em novembro de 1973 no Cemitério Parque da Colina, como indigente, em Belo Horizonte, José Carlos teve sua identidade definitivamente confirmada apenas em 1990, após exames realizados por iniciativa da família. Em 1996, o Estado brasileiro reconheceu oficialmente sua responsabilidade pela morte do militante. Décadas mais tarde, em 2023, foi concluído o pagamento da indenização pleiteada por sua viúva. A trajetória de José Carlos Novaes da Mata Machado foi posteriormente retratada por Samarone Lima no livro *Zé – José Carlos Novaes da Mata Machado*, obra que inspirou o filme *Zé*, dirigido por Rafael Conde e lançado em 2023, por ocasião dos cinquenta anos de sua morte.

José Carlos foi um dos quatro discentes da Universidade Federal de Minas Gerais que receberam diploma póstumo, concedido em sessão solene do Conselho Universitário da UFMG em 24 de setembro de 2024. O ato de reparação histórica,

² MEMÓRIAS DA DITADURA. José Carlos Novaes da Mata Machado. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/jose-carlos-novaes-da-mata-machado/>. Acesso em: 15 jun. 2026.

³ MORAES, Manoel. José Carlos Novaes da Mata Machado. Acervo PE. Disponível em: <https://www.acervo.pe.gov.br>. Acesso em: 15 jun. 2026.

embora não apague a tragédia, representou, nas palavras do professor Marcos Magalhães Rubinger, um “triunfo da memória sobre a desmemória, da coragem moral, da verdade e da consciência”⁴.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACIEIRA, Luana. ‘Presente!’: UFMG homenageia estudantes mortos e professores e técnicos perseguidos pela ditadura, 25 set. 2024. Disponível em: <https://www3.ufmg.br/comunicacao/noticias/presente-ufmg-homenageia-estudantes-mortos-e-professores-e-tecnicos-perseguidos-pela-ditadura>. Acesso em: 15 jun. 2026.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO. José Carlos Novaes da Mata Machado. Disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/jose-carlos-novaes-da-mata-machado/>. Acesso em: 15 jun. 2026.

MEMÓRIAS DA DITADURA. José Carlos Novaes da Mata Machado. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/jose-carlos-novaes-da-mata-machado/>. Acesso em: 15 jun. 2026.

MORAES, Manoel. José Carlos Novaes da Mata Machado. Recife: Acervo Público Estadual Jordão Emerenciano, [s.d.]. Disponível em: <https://www.acervo.pe.gov.br>. Acesso em: 15 jun. 2026.

⁴ MACIEIRA, Luana. ‘Presente!’: UFMG homenageia estudantes mortos e professores e técnicos perseguidos pela ditadura, 25 set. 2024. Disponível em: <https://www3.ufmg.br/comunicacao/noticias/presente-ufmg-homenageia-estudantes-mortos-e-professores-e-tecnicos-perseguidos-pela-ditadura>. Acesso em: 15 jun. 2026.